

3 + 1

Three Colours: Flesh

Evj Jokhova

21.03.25 – 17.05.25

Inauguração 21.03.25, 18h – 21h

Atuar para um público interior

[Um corpo entra num palco; é rodeado por vários outros atores. É um corpo curioso e faminto. E há muito para absorver. O corpo olha à sua volta e decide sentar-se numa das grandes peças de mobiliário: a cadeira de observação.]

Comecei a investir em saber através dos meus sentidos, porque saber é um processo do corpo. E aqui estou eu numa sala, rodeada por professores. Estou a permitir-me, ou melhor, estou aberta a aprender através de tudo o que me rodeia. Já não tenho interesse em meramente pensar pela minha mente. Ainda assim, deixar os sentidos conduzir pode ser esgotante. Tenho-me sentido cansada. Continuo a andar em direção à cadeira e deixo cair o meu peso sobre ela. A cadeira é dura e robusta; é como um altar. Talvez um pouco dura demais para as minhas ancas ossudas e sem carne. Permite que a minha coluna esteja completamente direita. Acho que isso é reconfortante; sempre preferi cadeiras ligeiramente desconfortáveis a demasiado macias e fofas. Ouvi dizer uma vez que as ancas são onde guardamos as emoções que não processámos. Na altura foi uma revelação: o corpo de facto não esquece.¹ Acumula e lembra-se das situações que o moldaram, condicionaram e reprimiram. Apesar de a consequência ser um arquivo dos nossos muitos traumas pessoais e coletivos, também significa que o corpo sabe. O corpo produz informação e contribui para processos e práticas do saber, porque as condições biológicas, hormonais e psicológicas têm impacto na forma como pensamos, sentimos e reagimos.

À medida que começo a aprender a cadeira, suspeito que a cadeira também me está a aprender a mim. Quando Bayo Akomolafe, autor nigeriano da cultura Yoruba, descreve a primeira vez que andou com sucesso de mota, escreve: “A mota aprendeu-me a mim”². Akomolafe descreve o momento como se ele e a mota fossem atores que contracenam e vê-se como testemunha da ação. Que maneira de definir um encontro com um objecto dito inanimado! O objecto participa na interação e a ação de andar de mota é um processo de aprendizagem que tem duas direções. O seu corpo aprende como se manter em movimento e equilibrar a mota, assim como a mota aprende o corpo e movimentos do autor. Não é esta uma lição em como se aprende quando entendemos a aprendizagem como um processo não-hierárquico, onde os objectos podem ser professores se prestarmos atenção às suas formas de saber?

[O corpo levanta-se e anda em direção à mesa de cerâmica onde encontra cabeças de cobra que emergem dos azulejos.]

A antecipação de comer excita o corpo de tão faminto que tem estado. O jantar será servido. E nenhum jantar alguma vez foi servido inocentemente. Consumir implica sempre consumir o outro. A famosa citação de Novalis há muito que se prendeu ao corpo: “Todo o prazer, toda a absorção e assimilação, é comer, ou melhor: comer não é outra coisa senão assimilação. Todos os prazeres espirituais podem ser expressos ao comer. Na amizade, comemos do nosso amigo, ou alimentamo-nos dele. É um verdadeiro tropo substituir o corpo pelo espírito – e, num jantar comemorativo de um amigo, apreciar, com imaginação ousada e sensual, a sua carne a cada dentada e o seu sangue a cada gole.” O epítome da socialização humana, o seu palco ensaiado, a mesa de jantar intimida-me. As cobras têm uma conotação ligeiramente perigosa, tão subtil que às vezes nos esquecemos dela mas, num momento de desassociação dos actos de mastigar, cuspir e dissecar, nos dá uma estalada na cara. Este é o núcleo de como os humanos socializam: através da dança de apetite visceral e da gentileza bem-vinda da mesa de jantar. Aprendemos tremendamente com o cuspo e soluço, com o cortar e mastigar alto, com os dentes a morder a carne e o guardanapo no canto da boca.

[Olhando para baixo, repara nos talheres nos seus dedos.]

3 + 1

Percorrendo este palco, sinto repulsa. De todas as cores que representam emoções, o cor-de-rosa, a cor da carne, é a cor da intimidade. A palavra intimidade vem do latim *intimus*, que significa “íntimo”, e *intimare*, que significa “incutir” ou “familiarizar”. E o que é mais íntimo e familiar que o interior do corpo? Que relação pode ser mais íntima que aquela que temos com as nossas entranhas, com os majestosos e complexos mundos contruídos dentro dos ditos limites dos nossos corpos. No interior, não há uma separação clara entre tu e eu. Devoramos juntos.

E por falar em devorar, lembro-me que as pontas dos meus dedos se tornaram inúteis. Os meus dedos estão atados a uma extensão de metal que se assemelha a um saca-rolhas. O meu corpo alonga-se por estas extensões que não pertencem ao mundo da carne. São frias, finas e sólidas. Tudo o que a carne não é. Ainda assim, a carne transfere-lhes as suas capacidades. Estou a fazer amizade com o metal. Tal como os meus antepassados humanos têm feito desde os tempos antigos.

Para Lauren Berlant, a intimidade envolve “o desejo por uma narrativa sobre algo partilhado, uma história sobre si próprio e sobre outros que se desenrolará de forma particular.”³ Aqui, a intimidade é construída à volta de certas condições que permitem aos dois íntimos partilhar o sentimento, reconhecendo e percebendo o outro até certo ponto e encontrando algo em comum na forma como encaram esses contextos. Ao usar as extensões de metal para devorar os alimentos carnudos no meu prato, pergunto-me se podemos experienciar intimidade enquanto permanecemos na diferença. O metal continua a restringir-me mas também me emancipa, criando uma tensão luxuriante, semelhante à das relações mais íntimas.

[Levantando-se da mesa, o corpo encontra uma fotografia e estuda-a.]

A fotografia mostra uma pessoa com um animal de estimação. Depois do encontro com a mesa, as conotações da fotografia transformaram-se. Ao tentar navegar as fronteiras confusas entre posse e amizade, o corpo questiona-se, novamente, sobre o que é um amigo. Donna Haraway usa a palavra *afinidade* para descrever as relações complexas entre companheiros não-humanos e para abordar a ética e crenças de um outro ser importante. Recorrendo às histórias de cães, Haraway reflete sobre a coabitação, a coevolução e a aceitação da socialização entre espécies.⁴ A sua noção de espécies companheiras baseia-se nas relações constitutivas que descreve entre cão e humano, que na verdade partilham microbiomas ao longo da evolução da história. Haraway aconselha-nos a olhar sempre para o que surge das nossas relações. O que me traz de volta aos meus devaneios sobre limites físicos e psicológicos, bem como, à minha tentativa de criar afinidade com os objectos que me rodeiam.

[O corpo precisa de ar, os seus pensamentos são demasiado pesados. Anda em direção às janelas, pois precisa de se lembrar da paisagem mas é apanhado de surpresa pela beleza e violência que vê. Dá um passo atrás e afasta o olhar.]

O exterior é intimidante. Sobretudo porque não consegue esconder o que o palco cá dentro tentou, com tremendo esforço, mascarar. O exterior nunca é o exterior porque o mundo onde temos vivido ensinou-nos que estamos, na verdade, profundamente cá dentro, emaranhados no caos de que fazemos parte. Não podemos simplesmente sair e ver o caos a partir de fora. Não há exterior ou histórico, falamos do interior dos problemas com que temos de ficar.⁵

Deniz Kirkali, 03.25

Notas:

¹ Ver *O Corpo Não Esquece* de Bessel van der Kerk.

² Akomolafe, Bayo. “How I’m learning to trust in my failure.” Bayo Akomolafe, Março 14, 2016, <https://www.bayoakomolafe.net/post/how-im-learning-to-trust-in-my-failure>.

³ Berlant, Lauren. “Intimacy: A Special Issue.” *Critical Inquiry*, vol. 24, no. 2, 1998, pp. 281. JSTOR, www.jstor.org/stable/1344169.

⁴ Haraway, Donna J. *Um Manifesto Ciborgue - O Manifesto das Espécies de Companhia*. Chicago: Orfeu Negro, 2022

⁵ Haraway, Donna J. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Duke University Press, 2016.

3 + 1

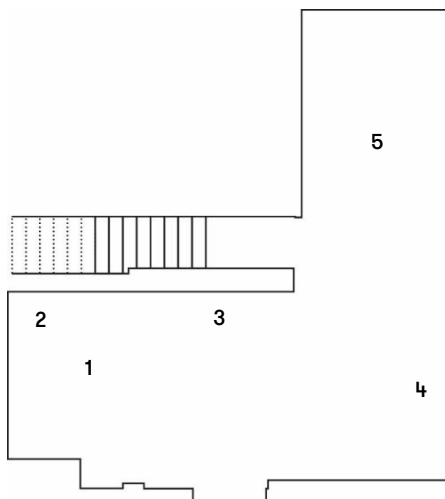
Three Colours: Flesh

Evj Jokhova

21.03.25 – 17.05.25

Inauguração 21.03.25, 18h – 21h

GALERIA 1



1. *Three Colours: Belief Divide*, 2025

Madeira pintada, cerâmica em grés vidrado, tecelagem em algodão e linho, metal, Dimensões variáveis

2. *Home-cute I e Home-cute II*, 2025

Impressão com tintas de arquivo sobre papel Blue Back sobre mural de pastel e pó de pastel, 39.5 x 30 cm
Edição de 3 + 1 PA*

3. *Mother's Milk*, 2025

Óleo sobre linóleo, madeira, 33.5 x 24 cm

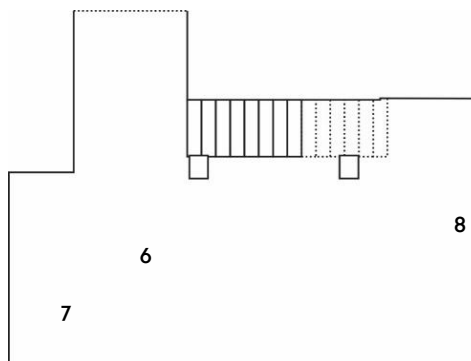
4. *Three Colours: Pervert*, 2025

Impressão com tintas de arquivo sobre papel Hahnemuhle, 68 x 102 cm, Edição de 3 + 1 PA

5. *Avatar: The Way of Consumption*, 2025

Cerâmica e azulejos em grés e barro vidrados, madeira, têxteis de algodão, latão, 120 x 530 x 94 cm

GALERIA 2



6. *Three Colours: Beastly*, 2025

Madeira, folheado, latão, algodão bordado com linho 69 x 57.5 x 57.5 cm

7. *Three Colours: Beastly*, 2025

Algodão tingido à mão, bordados em linho, cerâmica em grés vidrado, produtos de retrosaria, 95 x 360 cm

8. *If friendship were a thing*, 2025

Linho tecido e tingido à mão, cerâmica em grés 195 x 29 x 81 cm

Murais em pastel e pó de pastel

* Em colaboração com Austėja Ščiavinskaitė

galéria@3m1arte.com
www.3m1arte.com

Largo Hintze Ribeiro 2E-F, 1250 – 122 Lisbon
Portugal +351 210 170 765

**3
+ 1**